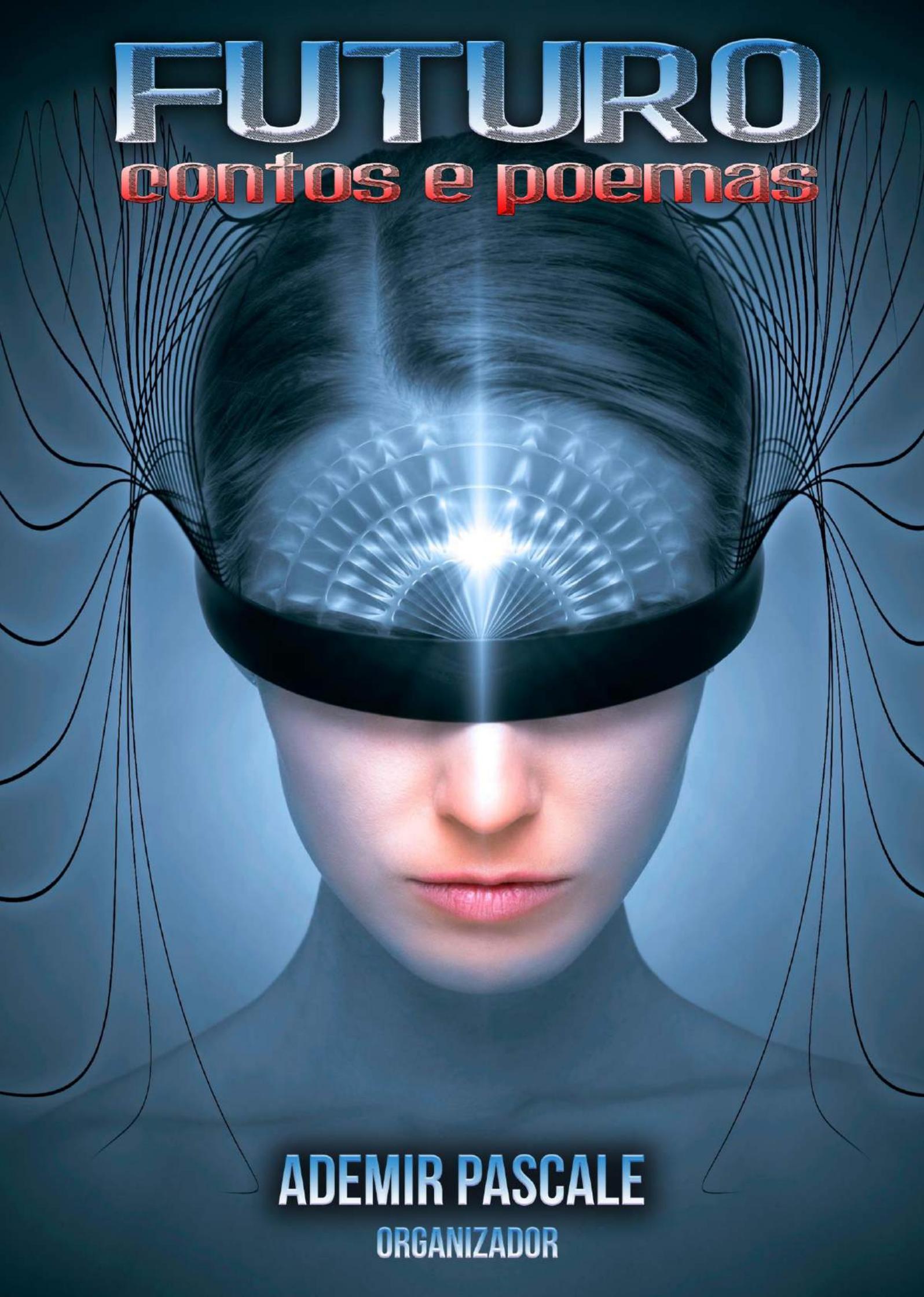


# FUTURO

contos e poemas



**ADEMIR PASCALE**  
ORGANIZADOR

# **ADEMIR PASCALE**

## **ORGANIZADOR**

Copyright © por Autores  
Projeto editorial por Ademir Pascale  
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores  
Obra protegida por direitos autorais  
Este e-book é parte integrante  
da Revista Conexão Literatura - ISSN: 2448-1068  
2022  
Patrocínio:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# SUMÁRIO

**CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS**

A guerra das casas, por Bel Wells, pág. 05  
O dia depois da pandemia, por Bel Wells, pág. 10  
Inexorável futuro, por Ciça Ribeiro, pág. 12  
Recordações de Antanho para um futuro próximo, por Denise Peres Martins Rezen-  
de, pág. 14  
Ainda em tempo, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 19  
Com essas palavras, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 21  
Thoryn, por Lilian Ferraz, pág. 23  
Vida, futuro e tempo, por Marcela Alves de Moura, pág. 28  
Futuro, por Marcos Rossetti-Ferreira, pág. 31  
Presente, por Marcos Rossetti-Ferreira, pág. 33  
Vírus, por Marcos Rossetti-Ferreira, pág. 35  
Monstros na borda do universo, por Roberto Schima, pág. 38  
A última viagem a Gaya, por Samuel Marcelino, pág. 49  
Distopia, por Walysson Gomes, pág. 53  
Amor do futuro, por Wanda Rop, pág. 56  
Conheça outros títulos da coleção, pág. 58

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale  
E-mail: ademirpascale@gmail.com

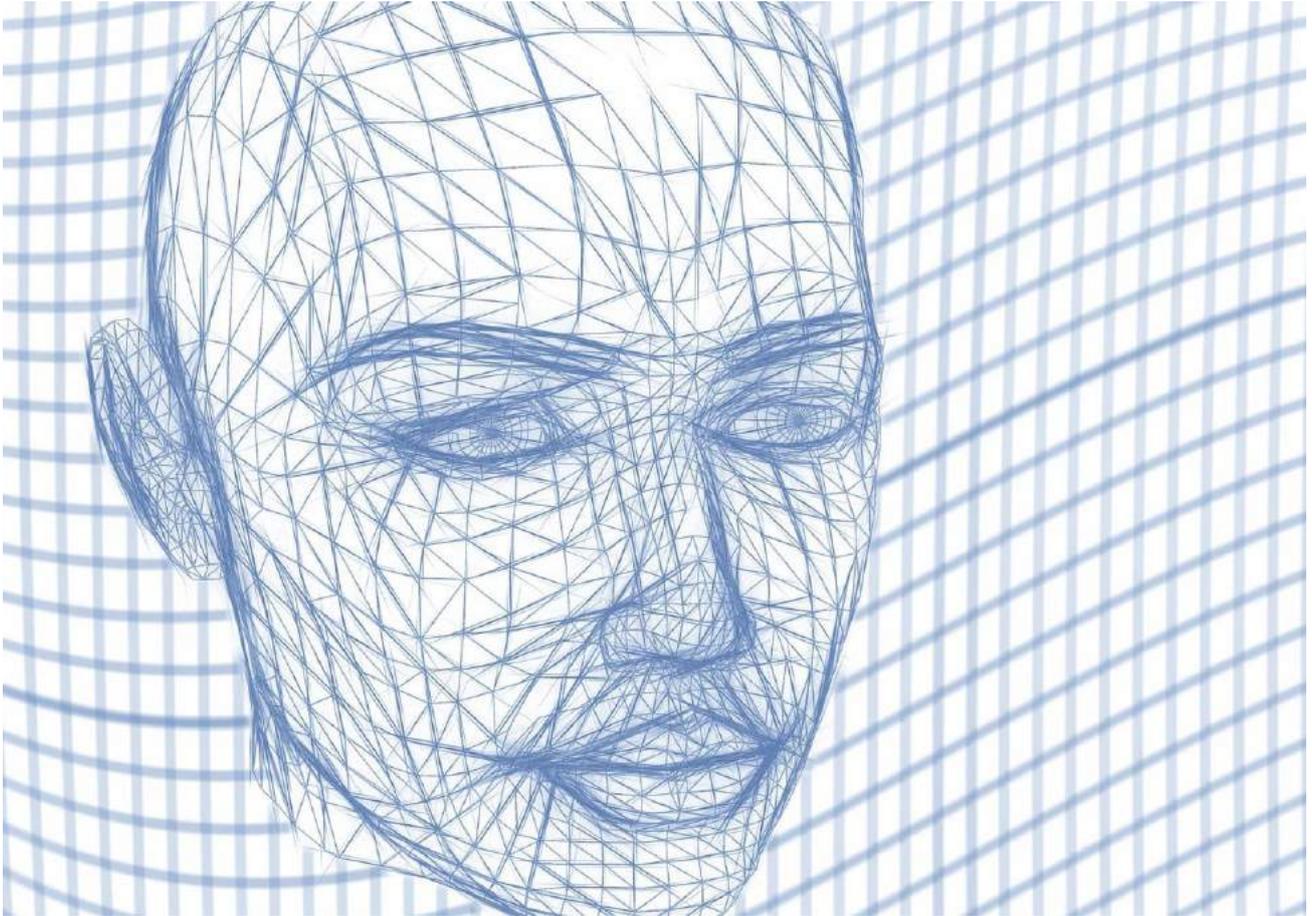
**VISITE:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)**

**[www.facebook.com/conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)**





**O maior bem do Homem é uma mente inquieta.**

**— Isaac Asimov**



**APRESENTAMOS O CONTO**  
**A GUERRA DAS CASAS**  
Por Bel Wells

**Sobre a autora: Pedagoga, professora, nascida em Juiz de Fora, MG. Aos 6 anos mudou-se para São Paulo.**

**O desejo de escrever surgiu aos 13 anos, onde compartilhava seus poemas na biblioteca da escola. A elevação de pensamento, as admiráveis leis do universo e a existência humana são temas sempre presentes em suas criações.**

**Em 2020, alguns de seus poemas foram selecionados e publicados em diversas antologias. Seu poema Mensageiro ficou como semifinalista no Concurso internacional Pena de Ouro.**

**Seu Segundo Livro, Busca, uma vacina metafísica em tempos difíceis já está disponível em E book.**

**Através da Revista Conexão Literatura, com impecável produção de seu idealizador Ademir Pascale, encontrou grande incentivo em sua jornada literária.**

Foram seis anos, três meses e nove dias. Milhares sucumbiram a ela.

As Nações se acostumaram a uma vida sem teto, sem móveis, sem conforto.

O Vírus invisível enlouquecia qualquer um que permanecesse entre quatro paredes.

Casas se tornaram perigosas. Quem sobreviveu até hoje não sente saudades do que se definia como lar.

O Mundo de repente se tornou um lugar aberto, estar ao ar livre era única forma de se manter seguro.

Essa nova imposição vital e liberdade cobrou altos preços e decretou sentenças imutáveis. Como tudo começou, até hoje ninguém sabe.

A vida parecia seguir normalmente, a humanidade caminhava como se cada coisa estivesse em seu lugar.

Tranquilos e confortáveis em seus lares, trancando suas portas, abrindo suas janelas, erguendo seus muros, regando suas plantas, celebrando a mesa com seus convidados.

Esses mesmos indivíduos tão zelosos e ocupados com suas vidas, pareciam mergulhados em seus próprios micros sistemas de sobrevivência, mergulhados em suas zonas de conforto, insensíveis a suas responsabilidades com grande mãe. Alheios e desconectados aos cuidados com sua casa maior, seu planeta, sugando lhe cada recurso, como se não houvesse amanhã. Mas este chegou. Fazendo com que a expressão Terra de ninguém, fizesse todo sentido, mostrando a cada ser humano que a interconectividade nos define, que, da Natureza somos parte, e este antropoceno (era dos humanos) não seria o legado que iríamos deixar. Assim, como um coração de mãe, impávido, justo e bom a impressão da pandemia das guerra das casas foi chegando, como uma professora que ocupa sua classe, e ensina com maestria suas lições de comportamento, respeito e bem estar.

Como uma força silenciosa, estranha e apavorante o lema do mundo passou a ser Saia de Casa!!

A pandemia do Indoor vírus se instalou, provocando mortes e histórias inacreditáveis de loucura.

Os comportamentos lunáticos iam desde aversão a roupas, papéis, dinheiro a sensações de esmagamento do peito daqueles que insistissem em permanecer dentro de casa. Gritos

e pedidos de socorro também faziam parte dos sintomas, bem como a paralisia mental daqueles que não conseguiam escapar de seus lares.

O Contágio inexplicável também provocava confusão científica e desentendimentos mundiais.

Para que acontecesse, bastava que o cidadão, permanecesse dentro de sua casa, que dormisse ou se alimentasse, que ficasse distraído e absorto por aquela sensação de proteção e aconchego. Um Contágio de separatividade mental que resultaria num mal súbito de claustrofobia física. As crianças com toda sua sabedoria infantil, não foram afetadas.

A Cura desta pandemia indescritível, pareceu ainda mais ilógica.

Não foi uma vacina a salvadora deste flagelo. Foi uma invenção simples, vinda de uma legião de cientistas

metafísicos, de pesquisadores, físicos quânticos, filósofos, pensadores e pessoas que acreditavam num mundo melhor.

O Pequeno óculos azul! Com suas lentes adaptadas para transmutar a realidade, fazendo ver o que se precisa ver, retirando o véu da realidade rotineira, e sem vida, revelando o sentido das coisas, o porque, as respostas para as boas perguntas, um simples óculos que revelava aquilo que realmente precisamos ver, Mudança de ponto de vista. Novos ângulos para enxergar a vida. Um óculos capaz de proteger quem olha e aquilo para que se olha.

Através destas lentes, o infectado avistava muito mais do que sua própria casa, seu bairro, sua cidade, seu país. Avistava um lugar gigante, um mundo acolhedor, onde todos não só se sentem em casa, mas são parte dela. Casa é um lugar onde ninguém pode ficar de fora.

A guerra das casas foi um momento de despertar da Humanidade, e sempre que se fala desta guerra, faz se um pausa, e uma pergunta bate a nossa porta!

Foram seis anos, três meses e nove dias. Milhares sucumbiram a ela.

As Nações se acostumaram a uma vida sem teto, sem móveis, sem conforto. O Vírus invisível enlouquecia qualquer um que permanecesse entre quatro paredes.

Casas se tornaram perigosas. Quem sobreviveu até hoje não sente saudades do que se definia como lar.

O Mundo de repente se tornou um lugar aberto, estar ao ar livre era única forma de se manter seguro.

Essa nova imposição vital de liberdade cobrou altos preços e decretou sentenças imutáveis.

Como tudo começou, até hoje ninguém sabe.

A vida parecia seguir normalmente, a humanidade caminhava como se cada coisa estivesse em seu lugar.

Tranquilos e confortáveis em seus lares, trancando suas portas, abrindo suas janelas, erguendo seus muros,

regando suas plantas, celebrando a mesa com seus convidados. Esses mesmos indivíduos tão zelosos e ocupados com suas vidas, pareciam mergulhados em seus próprios

microssistemas de sobrevivência, mergulhados em suas zonas de conforto, insensíveis a suas responsabilidades com grande mãe. Alheios e desconectados aos cuidados com sua casa maior, seu planeta. sugando lhe cada recurso, como se não houvesse amanhã. Mas este chegou. Fazendo com que a expressão Terra de ninguém, fizesse todo sentido, Mostrando a cada ser humano que a interconectividade nos define, que, da Natureza somos parte, e este antropoceno (era dos humanos) não seria o legado que iríamos deixar. Assim, como um coração de mãe, impávido, justo e bom a impressão da pandemia da guerra das casas foi chegando, como uma professora que ocupa sua classe, e ensina com maestria suas lições de comportamento, respeito e bem estar.

Como uma força silenciosa, estranha e apavorante o lema do mundo passou a ser Saia de Casa!!

A pandemia do Indoor vírus se instalou, provocando mortes e histórias inacreditáveis de loucura.

Os comportamentos lunáticos iam desde aversão a roupas, papéis, dinheiro a sensações de esmagamento do peito daqueles que insistissem em permanecer dentro de casa. Gritos e pedidos de socorro também faziam parte dos sintomas, bem como a paralisia mental daqueles que não conseguiam escapar de seus lares.

O Contágio inexplicável também provocava confusão científica e desentendimentos mundiais.

Para que acontecesse, bastava que o cidadão, permanecesse dentro de sua casa, que dormisse ou se alimentasse, que ficasse distraído e absorto por aquela sensação de proteção e aconchego. Um Contágio de separatividade mental que resultaria num mal súbito de claustrofobia física. As crianças com toda sua sabedoria infantil, não foram afetadas.

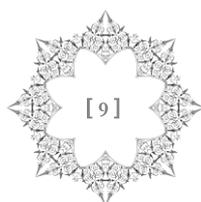
A Cura desta pandemia indescritível, pareceu ainda mais ilógica.

Não foi uma vacina a salvadora deste flagelo. Foi uma invenção simples, vinda de uma legião de cientistas

metafísicos, de pesquisadores, físicos quânticos, filósofos, pensadores e pessoas que acreditavam num mundo melhor.

O Pequeno óculos azul! Com suas lentes adaptadas para transmutar a realidade, fazendo ver o que se precisa ver, retirando o véu da realidade rotineira, e sem vida, revelando o sentido das coisas, o porque, as respostas para as boas perguntas, um simples óculos que revelava aquilo que realmente precisamos ver, mudança de ponto de vista. Novos ângulos para enxergar a vida. Um óculos capaz de proteger quem olha e aquilo para que se olha.

Através destas lentes, o infectado avistava muito mais do que sua própria casa, seu bairro, sua cidade, seu país. Avistava um lugar gigante, um mundo acolhedor, onde todos não só se sentem em casa, mas são parte dela. Casa é um lugar onde ninguém pode ficar de fora. A guerra das casas foi um momento de despertar da Humanidade, e sempre que se fala desta guerra, faz se um pausa, e uma pergunta bate a nossa porta!





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**O DIA DEPOIS DA PANDEMIA**  
**Por Bel Wells**

**Sobre a autora: Pedagoga, professora, nascida em Juiz de Fora, MG. Aos 6 anos mudou-se para São Paulo.**

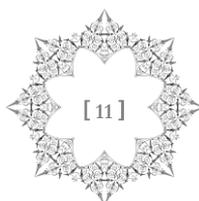
**O desejo de escrever surgiu aos 13 anos, onde compartilhava seus poemas na biblioteca da escola. A elevação de pensamento, as admiráveis leis do universo e a existência humana são temas sempre presentes em suas criações.**

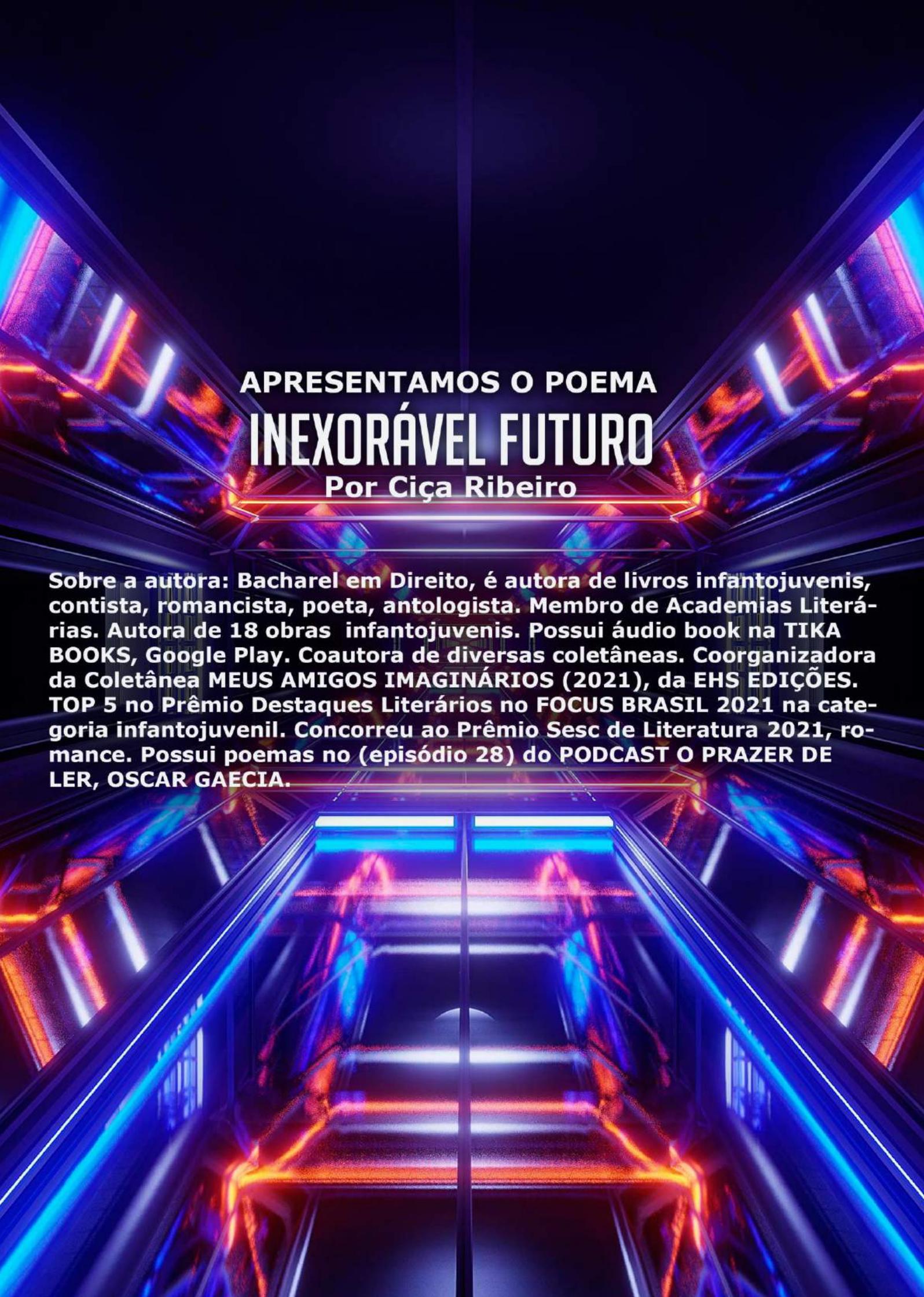
**Em 2020, alguns de seus poemas foram selecionados e publicados em diversas antologias. Seu poema Mensageiro ficou como semifinalista no Concurso internacional Pena de Ouro.**

**Seu Segundo Livro, Busca, uma vacina metafísica em tempos difíceis já está disponível em E book.**

**Através da Revista Conexão Literatura, com impecável produção de seu idealizador Ademir Pascale, encontrou grande incentivo em sua jornada literária.**

Há um mundo tão triste... Ele busca na esperança se sustentar  
Para compreender suas noites, os dias se isolaram para poderem respirar  
Neste mundo, as histórias trancadas em casa contam cada hora  
Nos rosto deste mundo, uma máscara de medo e silêncio mora.  
O amanhã é como um barco sem o seu farol, o futuro deste mundo anseia por um raio de sol  
Contagiados pela tristeza, pobres terrestres  
Eles evocam a cura e esperam o efeito de suas preces  
Em cada nascer do dia, vemos a face do pós pandemia  
Ela trouxe um profundo olhar, sobre como viver com sabedoria  
Ela contaminou com saudade, tudo o que você amava e queria  
Neste mundo agora, não há mais quem está fora  
Todos os dias serão pós pandemia, a humanidade chora  
Caminhemos então com maturidade, cuidar uns dos outros com auto responsabilidade  
Para aprender uma lição , nunca é tarde  
O que eu posso fazer meu mundo?  
Para melhorar o seu dia;  
Te pegar no colo? Te escrever uma poesia?  
Te dizer Eu sinto muito e te trazer um chá de alquimia!  
Decretar com consciência, é Tempo de um novo dia.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**INEXORÁVEL FUTURO**  
Por Ciça Ribeiro

**Sobre a autora: Bacharel em Direito, é autora de livros infantojuvenis, contista, romancista, poeta, antologista. Membro de Academias Literárias. Autora de 18 obras infantojuvenis. Possui áudio book na TIKA BOOKS, Google Play. Coautora de diversas coletâneas. Coorganizadora da Coletânea MEUS AMIGOS IMAGINÁRIOS (2021), da EHS EDIÇÕES. TOP 5 no Prêmio Destaques Literários no FOCUS BRASIL 2021 na categoria infantojuvenil. Concorreu ao Prêmio Sesc de Literatura 2021, romance. Possui poemas no (episódio 28) do PODCAST O PRAZER DE LER, OSCAR GAECIA.**

A tarde de sol e vento escaldante servia para acelerar a explosão de raiva e inconformismo  
que em doses certas escapava de seus poros no dia a dia

Ouvia constantemente que dias negros e sombrios estavam por vir  
Geleiras aquecidas nos polos  
Leitos de rios enxutos pelos ares perversos de lugarejos densamente povoados  
Matas, outrora verdes, cinzas seriam  
E tantos outros temas apocalípticos as gotículas de chuva ácida traziam

A quem servia todo alarde?

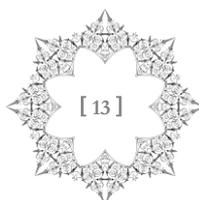
Não a ele, que inerte, inebriado pelo cansaço por lutas hercúleas,  
extenuado arrastava-se ao inevitável fim  
O futuro ou futuro, como criança diz  
Já pouco importava  
Pelo menos a ele que em breve partiria  
Assim dizia  
“Daqui a dois anos, já estou indo”

Não a elas!  
Gerações futuras padeceriam?  
Menos alarde e mais razão  
Ele exigia de seus pensamentos cruzados

Mentes evoluídas  
Resultados adequados a modos de vida  
Futuro como sempre existiu

Nesses dias de poros escancarados  
Difícil tarefa avizinhava-se  
Conta gotas de pingos de raiva e inconformismo inundavam seus pés

Por nada.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**RECORDAÇÕES DE ANTANHO PARA UM FUTURO PRÓXIMO**  
**Por Denise Peres Martins Rezende**

**Sobre a autora: Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês), Escritora e Estudante de Pedagogia.**

**Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Amante do imagético. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a adolescência. Almeja a melhora na Educação formal nacional.**

**Instagram: @educacaocomdeniseperesmartins**

**Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>**

**Linktree: <https://linktree.com.br/new/deniseperesmartinsrezende>**

Suas festas eram famosas pela fartura e beleza. Tudo era impecável. A mesa era perfeitamente organizada. Todo dia era dia de usar a prataria e as louças finas no clã da Carlota Furtado de Albuquerque. Marcadores de lugar evitavam potenciais desavenças. Candelabros reluzentes distribuídos pela mesa alegravam o ambiente. Sobremesas finas e personalizadas eram saboreadas pelos frequentadores.

O carrinho de chá transportava as bebidas quentes. Logo, as carruagens com suas amigas estavam estacionadas em frente de sua casa. Em breve, risadas tomariam conta do casarão.

Carlota era a alegria da festa. Uma voz forte. Robusta, espirituosa e falante conquistava amigos facilmente. Ela não gostava de fofocas. Contudo, no seu círculo social ela sorria ao ouvir as intrigas das amigas, pois não queria ser desrespeitosa com as mesmas.

Imprescindível se fazia o domínio do seu pequeno vício que era a gula. Sua residência tinha cheiro de açúcar. Carlota era um pouco inclinada à preguiça. Gostava da vida boa. Todavia, queria a mesma vida para todos.

Adorava as “promenades” no parque em seus vestidos de seda.

Aprendeu etiqueta, e quantos idiomas lhe foi possível. Dominava a arte de receber bem. Era o que parecia correto para uma moça da época.

Apreciava os dias estrelados e as noites com sol.

Recitava odes e fazia clubes de leitura com as amigas, o que era considerado uma audácia. Inapropriado e desnecessário.

Não trabalhava, como toda moça de família abastada. Mas, seu espírito era livre e literário.

Não adulava os nobres. Respeitava os desprivilegiados.

Reclamava aos seus pais sobre o tratamento aos escravos. Era uma contestadora de nascença, pronta para discordar.

Sabia que seu destino seria junto a um probo paladino com quem se juntaria para lutarem por nobres causas.

Apaixonou-se pelo cocheiro. Acreditava que o mesmo também a amava.

Tornou-se amiga de sua aia, a qual transportava suas cartas de amor.

Possuía um grande senso de justiça.

Não seguia a moda. Tinha um modo único.

Queria ser mais espiritualizada, mas não era apropriado discutir esses assuntos.

Uma moça de tantas facetas, incompreensível aos olhos humanos.

Amava as crianças e o léxico e queria se tornar professora. – “*Se tornar uma mera professora para quê?*”, seu genitor dizia. Seu desejo permaneceu preservado.

Amante das Letras escrevia o que sentia.

Possuidora de uma alma filosófica, inclinada a dialética. Era avessa a selvageria. Desapegada a eufemismos. Sua profundidade fazia com que não se satisfizesse com as trivialidades mundanas.

Dormiu sozinha, pura e sem prole o longo sono dos justos. Um casamento com o cocheiro não seria aceito. Esse amor se manteve resguardado no mundo dos sonhos.

De repente acordou em outra época, novo mundo.

Um novo rosto, corpo e nome. Entretanto, a memória latente de seu passado espiritual ainda estava presente.

As recordações de antanho eram seu ponto de partida na nova existência. Inferência inevitável. Epifania latente. Lembranças recônditas. Sonhos imagéticos eram assaz contumazes. Não pretendia que sua vida fosse um arquétipo de outrora. O progresso era salutar.

Sua personalidade permanecia deveras assertiva.

Pronta para o novo porvir aprendeu idiomas, montou a mesa impecavelmente, serviu no seu carrinho de chá uma jarra de cristal de sua avó com água fresca e doces elaborados com poucas calorias. Decorou seu lar com castiçais modernos, leu livros, fez amigos, se espiritualizou, amou as crianças, continuou seus escritos, manteve sua paixão pelas Letras, fez faculdades, e saiu para trabalhar.

Casou com o cocheiro e viveram uma linda vida a dois. Era um relacionamento repleto de amor cultivado com odes floridas com perfume lavanda. Cuidou da alimentação, rezou semanalmente pelos vivos e mortos. Na verdade a companhia dos desencarnados lhe parecia natural. Era geniosa. Mas, com um coração generoso.

Tornou-se uma amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Entusiasta da língua portuguesa. Adoradora de ditados, redações e oratória. Possuía uma inabalável ânsia linguística. Pesquisadora sobre evolução espiritual a cada existência.

Ela ainda recebia as amigas. As risadas ecoavam em seu apartamento no 9º andar com cheiro de mar.. Trocou seus vestidos de seda por roupas que não amarrotam. Vida moderna que segue. A “promenade” no campo foi substituída por corridas na praia. Sua carruagem foi substituída por um carro esportivo. Ainda amava os dias estrelados e as noites com sol. A luz que emanava de sua massa corpórea refulgia ainda mais.

Conquanto, sua paciência para futilidades ordinárias se tornavam diminutas. Não era afeita ao mundo das aparências. Aversa às fofocas, ela preferia falar sobre a poética existente na vida. Fazia caridade e auxiliava às crianças órfãs.

Pereceu junto ao seu amado com quem formava uma dupla inseparável. É o que acontece com almas afins.

Ela despertou num futuro distante. Quantas outras vidas seriam necessárias para evolução completa, e lar eterno no mundo dos céus?

Seu diminuto apartamento tecnológico ficava no centésimo quinto andar de um edifício espelhado. Sentia-se perto das nuvens. Alcançava o sol com suas mãos. Regressou com os conhecimentos aprendidos nas existências anteriores. Tinha plena consciência de que tudo que fizemos com frequência numa vida anterior ou estudamos previamente, faremos com facilidade na vida seguinte. O conhecimento adquirido não se perde. Entendia das leis, das letras, da literatura, dos sistemas pedagógicos, das línguas e do receber bem. Estudou Filosofia, Sociologia, Tecnologia e Astronomia. Sua aura ainda era lúdica e literária.

Não era preguiçosa. Manteve-se magra e sem vícios. Acalmou seu gênio. Seu lar era organizado e colorido. Odiava fofocas e evoluía cada vez mais em valores morais. Era caridosa. Tornou-se mais objetiva e assertiva. Espiritualizada ao extremo, falava com vivos e mortos. Todos eram bem vindos em sua casa a qual irradiava luz.

Queria filhos dessa vez. Reservou a quantidade que lhe pareceu apropriada e os conservou na geladeira até o momento certo.

Encomendou seu marido com as características que seu subconsciente lhe sugeria. Quando ele ficou pronto, entrou na sua nave com perfume lavanda e foi o retirar na empresa de tecnologia que o produziu. Era ele: o cocheiro voltando para os seus braços poucos dias depois. A sintonia espiritual entre eles era ainda mais visível.

Trabalhou, estudou, orou, dançou, amou, teve filhos e um jardim vertical florido na varanda do seu apartamento. A luz que fluía de seu ser reluzia ainda mais.

Ainda amava os dias estrelados e as noites com sol no seu apartamento tecnológico com cheiro de céu.

E assim descobriu que a cada encarnação nos é dada a oportunidade de melhorar.

Constatou que a cada recomeço no mundo material nós partimos de onde paramos na última oportunidade.

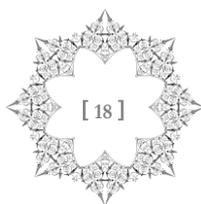
Apreendeu que cada um logrará aquilo que merecer segundo seus esforços, com fulcro na lei da causa e consequência.

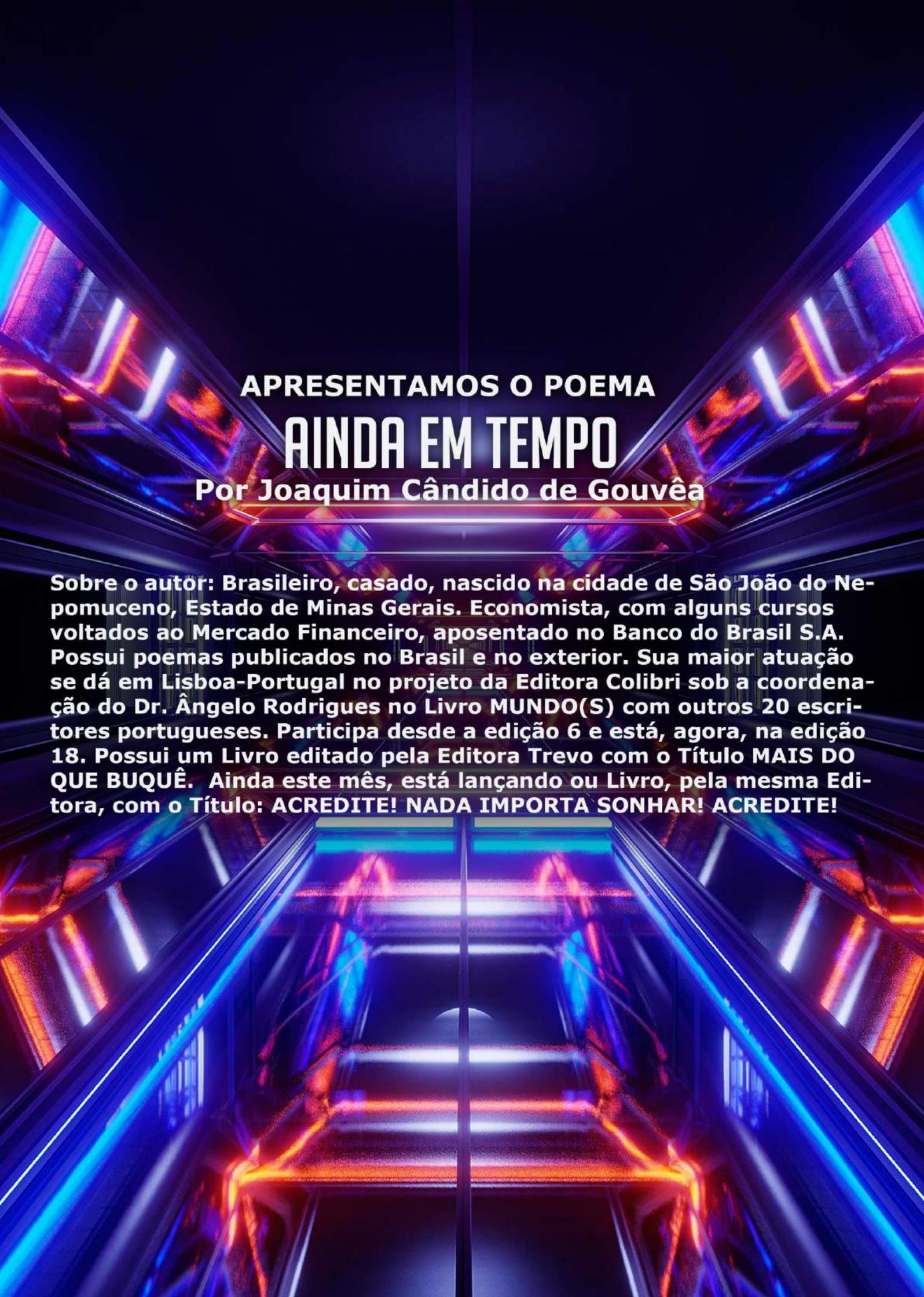
Nosso escopo nesse interim é sempre o progresso. A preguiça é inaceitável. Imprescindível nossa evolução física, mental, espiritual e intelectual. O avanço em todas as áreas é salutar. Nenhum campo pode ser deixado de lado.

Não temia a finitude orgânica. Mormente, compreendia a eternidade da existência.

Avançou o quanto pôde, certa de que quando sua materialidade desvanecesse, estaria preparada para o seu devir no próximo destino.

Ela conservou em sua alma e no seu coração as recordações de antanho para um futuro próximo. E diante da possibilidade de uma existência eterna, ela continuou a sonhar com a imortalidade.





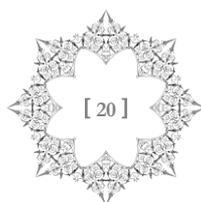
**APRESENTAMOS O POEMA**  
**AINDA EM TEMPO**  
**Por Joaquim Cândido de Gouvêa**

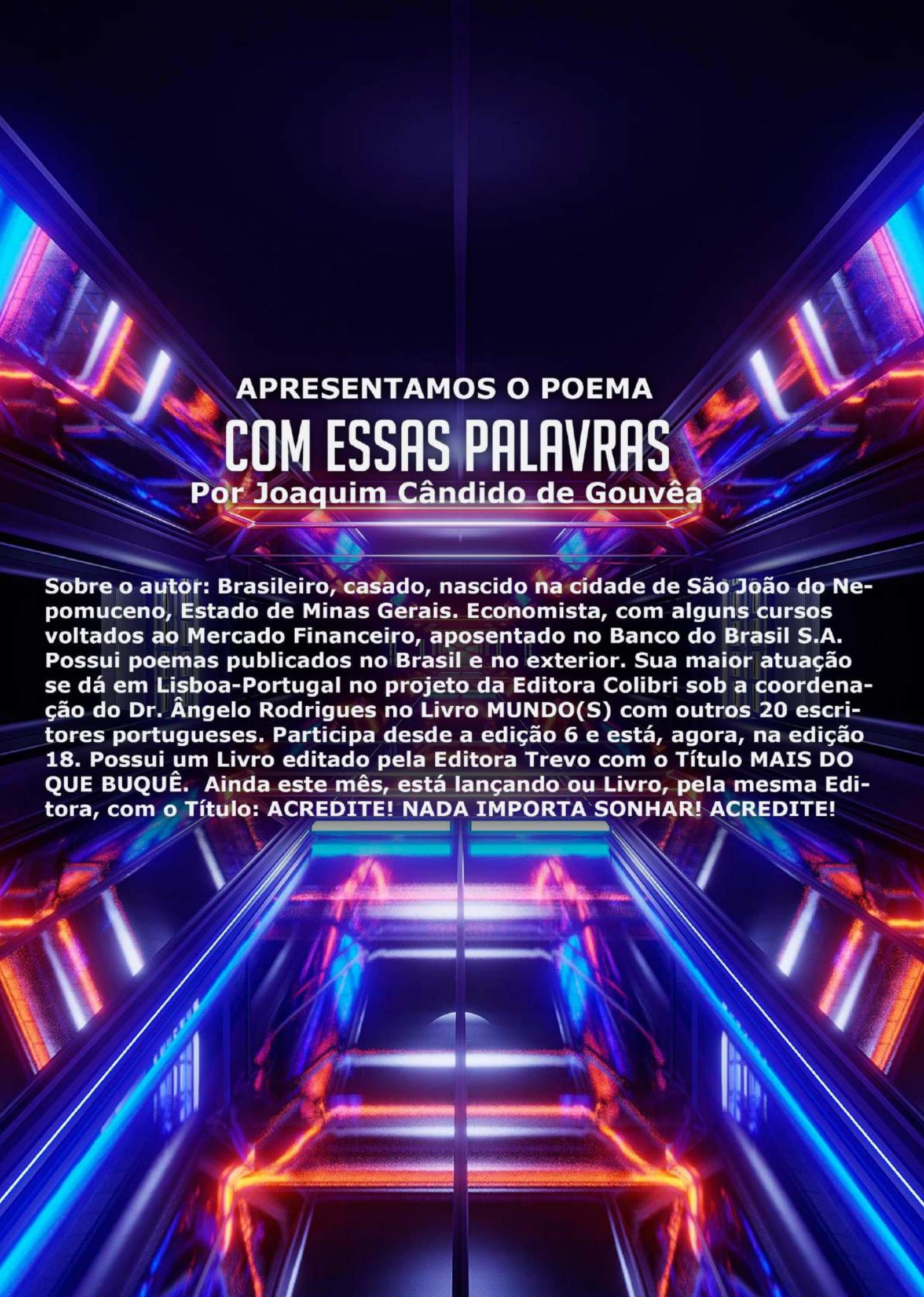
**Sobre o autor: Brasileiro, casado, nascido na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais. Economista, com alguns cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Possui poemas publicados no Brasil e no exterior. Sua maior atuação se dá em Lisboa-Portugal no projeto da Editora Colibri sob a coordenação do Dr. Ângelo Rodrigues no Livro MUNDO(S) com outros 20 escritores portugueses. Participa desde a edição 6 e está, agora, na edição 18. Possui um Livro editado pela Editora Trevo com o Título MAIS DO QUE BUQUÊ. Ainda este mês, está lançando ou Livro, pela mesma Editora, com o Título: ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE!**

Escondido o poeta chora  
Perdido no meio de uma dita “floresta”  
Da vida  
Emocionado recebe a toda hora  
O aconchego da querida  
Tudo enfim o que lhe resta

Contumaz no agradecimento pela compreensão  
Sem perceber deixa a retina umedecer  
Assim, o antes perdido, faz renascer o viver  
Recuperado, torna mais forte o bater no coração  
E o “danado” maltrapilho pensamento lá de trás  
Se traveste e a idade interior do poeta se torna como a de um rapaz

Do chorar  
Consegue (com calma) cada lágrima secar  
Mais forte (alivia a alma) volta a amar  
Agradece a então vida  
Fortalece ao coração com sua querida  
E, outra vez, como poeta, retorna a poetizar





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**COM ESSAS PALAVRAS**  
**Por Joaquim Cândido de Gouvêa**

**Sobre o autor: Brasileiro, casado, nascido na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais. Economista, com alguns cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Possui poemas publicados no Brasil e no exterior. Sua maior atuação se dá em Lisboa-Portugal no projeto da Editora Colibri sob a coordenação do Dr. Ângelo Rodrigues no Livro MUNDO(S) com outros 20 escritores portugueses. Participa desde a edição 6 e está, agora, na edição 18. Possui um Livro editado pela Editora Trevo com o Título MAIS DO QUE BUQUÊ. Ainda este mês, está lançando ou Livro, pela mesma Editora, com o Título: ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE!**

Sobre todo meu corpo, deita carinhosamente esse olhar  
Com a íris, tal qual Lua Crescente  
Crescendo pela abertura da pálpebra superior  
Como uma pequena Deusa  
Pureza extrema mirando como a encontrar o amor

Delicadas mãos sustentando  
O belo e suave queixo  
Destacando pelo amparo  
Aos lábios  
Que declaro, desejados por mim a tomá-los por beijos

Embaralhados cabelos  
De propósito... penso assim  
Enfim, ligeiramente largados  
Com extravagantes cacheados  
Cada fio a esvoaçar

Assim, realmente  
De frente a esse olhar  
Tento classificar  
Estar, como em uma foto... retrato  
Que ao ver (algo sentir) bem pertinho a você colado

O que mais preciso fazer  
Para de fato expressar  
Tamanho admiração  
E, com essas palavras, cheias de emoção  
Concretizar desejo em coloca-la “todinha” em meu coração



A futuristic, symmetrical digital tunnel with glowing blue and orange lines. The perspective is looking down a long, narrow corridor that recedes into the distance. The walls and ceiling are composed of dark, reflective surfaces with bright, glowing lines of light in shades of blue and orange. The lighting creates a strong sense of depth and perspective, with the lines converging towards a vanishing point in the center. The overall atmosphere is high-tech and digital.

**APRESENTAMOS O CONTO**

# **THORYN**

**Por Lilian Ferraz**

**Sobre a autora: Lilian Ferraz, 52 anos, nascida e residente em São Paulo. Graduada em Psicologia e pós graduada em Gestão Pública, tem gosto por leituras diversas. Começou a escrever e publicar por curiosidade, no site Recanto das Letras, depois na Casadospoetaseda-poesia. Participou de algumas Antologias nos sites citados e outras virtuais. Mantém um Blog pessoal de poesias e textos diversos: <https://palavrasnotasevivencias.blogspot.com>**

Em um ano qualquer, num futuro distante, Thoryn acordou de repente, tivera um sonho estranho, com pessoas estranhas chamando seu nome, ele gritando e sendo segurado com força, numa situação onde ele tinha que ser contido. Ele gritava não, não...e mãos o alcançavam. Acordou assim, assustado. Ao fixar o olhar no teto, foi respirando devagar, e deixando o ar sair dos pulmões, lentamente. O ambiente em que se encontrava era na tonalidade branco marfim, com uma tênue luz branca e sibilante; havia uma porta na cor cinza, por onde ele acessava o banheiro. Demorou-se um pouco na cama, estava confortável ali, a cama era grande e macia; os lençóis eram agradáveis ao contato com a pele, e mesmo usados durante a noite, ainda conservavam um cheiro de roupa lavada.

Levantou e se sentou na beirada da cama, esfregou os olhos, espreguiçou e um pé após o outro, foi andando em direção a grande janela e murmurou:

— Luz do dia!

E num piscar de olhos, as cortinas foram se abrindo, lentamente e Thoryn tinha diante de si uma paisagem privilegiada da cidade. Ao ajustar melhor o olhar pode ver alguns prédios brancos, outros acinzentados, que emolduravam a paisagem. O sol, pálido, rumava no céu, ostentando uma valentia inclemente, como que a desafiar os tais habitantes e suas engenhocas voadoras. Sim, sobrevoavam num céu futurista, carros voadores movidos a energia elétrica, sem barulhos e sem nenhum vestígio de poluição. Seus ocupantes, iam para a suas rotinas, sempre solitários em cada bólido voador, para aliviar a sensação de solidão ou falta de companhia, os carros dispunham de um sistema inteligente de mídia, tanto em áudio/visual, podendo o ocupante deixar no piloto automático, e ficar a ler seus artigos na grande rede, ouvir música ou mesmo assistir algo engraçado na tela disponível na parte frontal do carro. Lá embaixo pairava uma névoa submissa que encobria as outras edificações; o clima da estação era frio e nebuloso, aliás, fazia anos que a nova civilização lidava com esse clima estranho; um sol que parecia sempre mais distante, com baixa luminosidade, chuvas esporádicas; as pessoas já haviam se acostumado com aquele ar úmido, frio e melancólico.

Thoryn se virou, voltou a cama, sentou-se e disse, secamente:

— Ivy, providencie o meu café e o carro para eu sair daqui uma hora.

Em seguida, uma voz feminina e límpida, demonstrando eficiência e informalidade, o acolheu;

— Pois não, Sr.! Está sendo providenciado.

Ele limpou de novo os olhos, pestanejou e se dirigiu ao banheiro. Tomar um banho antes do café para se reanimar. Abriu a porta cinza metálica com a mão, não pediu por voz, às vezes, era melhor fazer algo, sem este comando, sentia-se melhor.

Tirou a roupa, jogou dentro de um receptáculo, onde se recolhia as roupas usadas e eram enviadas um sistema de lavanderia ultramoderno no próprio prédio; depois da lavagem, as roupas passavam por secagem e vaporização e, eram devolvidas ao morador, com um selo de certificação de limpeza e eficiência. Tudo na lavanderia era automatizado, sem contato manual.

Tudo era muito limpo, prático e asséptico. Viviam num mundo sem feiuras ou sujeiras, quase tudo automatizado e sem desvio do padrão de eficácia.

Ele ligou o chuveiro e sentiu o toque energético da água ao tocar seu corpo. Fez também sua higiene bucal. Despertava ali.

Depois de tomar um banho, escolheu uma roupa apropriada e se vestiu. Pediu via comando de voz, e Ivy ligou o som; ele escolheu aleatoriamente uma música, ficou ouvindo e se penteando, quase neste mesmo instante, um toque na porta e ele deu comando de voz para entrar, ao abrir a porta, acessa o ambiente um robô, bem articulado, no que diz respeito às suas engrenagens e placas de metal ajustadas ao modelo. Este trazia empurrando uma pequena mesa de metal, em cima da qual, via-se uma jarra, uma xícara azul e frutas, tudo bem arrumado sobre uma toalha branca e limpa. Thoryn quase não comia nada no café da manhã, se satisfazia com café e uma fruta; a próxima refeição ele comia um pouco mais, com grãos e algumas outras iguarias que saciassem seu apetite.

O robô-mordomo, adiantou o passo, deu meia volta na pequena mesa e com um refinamento, admirável, para uma máquina, pegou a xícara azul, a preferida de Thoryn, e nela despejou o café; virando-se ofertou ao dono da casa. Tudo feito mecanicamente calculado, sem erros nos gestos e movimentos.

Thoryn pegou a xícara e sorveu um gole, sentiu o líquido a descer pela garganta, aquele gosto amargo, isto o mantinha alerta e aguçava seus sentidos. Enquanto bebericava seu café, vinha a sua mente a rotina do dia; tinha ele a responsabilidade de uma equipe médica no hospital local. Tinha prestígio na área médica devido as suas intervenções nada convencionais nas quais obtinha bons resultados em cirurgias e com pacientes lesionados, traumatizados ou mesmo alguma alteração genética que fosse indicativa de sua atuação como especialista na área. A medicina avançará muito nos últimos anos e, muitas doenças e moléstias foram erradicadas; alguns problemas orgânicos e físicos oriundos de traumas, eram resolvidos com regeneração plasmática, e outras intervenções da moderna medicina

Estranhamente, o sonho vinha a sua mente, coisa esquisita aquilo. Ele bem sabia o mecanismo dos sonhos, havia sempre algo a ver com tudo que ele mantinha no inconsciente. Havia meses, ele estivera naquelas câmaras de sono profundo para adentrar o inconsciente e buscar estudar seus efeitos, que apesar da modernidade, ainda trazia muitos enigmas aos pesquisadores e cientistas. Nunca tivera nada de traumático com relação a imagens oníricas, mas este sonho esquisito, o perturbara. Ficou pensativo, enquanto o autômato só aguardava novas ordens em silêncio.

Depois de beber o café e comer uma fruta, levantou e se disse satisfeito, assim o robô, atendeu sua ordem, recolheu tudo e simetricamente, passo por passo, se dirigiu a porta, abriu e se retirou, silenciosamente.

Ele estava pronto para sua rotina, com uma reunião de equipes e atendimentos, que dependiam da sua avaliação. Levantou-se e foi pegar seu tele comunicador, o acoplou na lapela do casaco que utilizava. Deu o comando de voz:

— Desligue tudo! — E saiu.

Num instante, luzes e som, foram desligados, e o ambiente ficou silencioso e vazio, sem nenhum vestígio de vida nele.

A porta se fechou atrás de si, automaticamente, ele começa a seguir o corredor, não dá nem cinco passos, e ouve uma voz:

— Senhor, senhor! Pare! Pare! Senhor!

Não, não....

Abre os olhos, e se vê sendo segurado e contido. Dor, ele sentia muita dor.

Uma voz se aproxima, ele abre lentamente os olhos, e vê embaçado, um vulto que diz:

— Senhor! Pode me ouvir? Fique calmo. Estamos aqui para ajudá-lo.

Tenta se levantar, não consegue. Sente mãos o segurarem firmemente, tem mais pessoas na sala, o vulto reaparece do outro lado.

— Senhor, vou aplicar uma injeção, tudo vai ficar bem. Relaxe um pouco

Ele não consegue responder, sente um líquido viscoso e dolorido a entrar no seu corpo e percorrer as veias, queimando feito fogo. Tudo fica enevoado, sente-se desconectado. O corpo adormecido.

— Ele acordou muito agitado! São as dores — falou a voz feminina.

— Hum, hum... ainda precisa de minha ajuda? Tenho uma drenagem do paciente no leito 15 para fazer — disse, secamente, a voz masculina.

— Não, agora não. Tudo Ok! Também tenho outros pacientes para atender — respondeu a voz feminina.

Ruído de passos. A porta se fecha num baque seco.

O quarto ficou envolto numa tênue luz branca e sibilante.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**VIDA, FUTURO E TEMPO**  
**Por Marcela Alves de Moura**

**Sobre a autora: Marcela Moura nasceu em Pelotas, RS e escreveu seu primeiro poema aos 12 anos. Fez faculdade de medicina, residência médica em pediatria e, mais tarde, fez Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica, pela Washington State University, nos EUA. É Especialista em Psiquiatria pela Associação Brasileira de Psiquiatria. Marcela trabalha como Psiquiatra e Psicoterapeuta de crianças e adolescentes em Piracicaba, interior de São Paulo, onde mora com sua família. Em 14/12/2021, para celebrar seus 30 anos de formada, publicou seu livro de poesias. Poesia Para Meus Pacientes – Psicoterapia: Pessoas e Momentos de Inspiração, pela editora Ases da Literatura, está à venda nas principais plataformas digitais da área. Esse livro é um exercício de reflexão sobre experiências, emoções e tudo o que se pode aprender com elas.**

O que a vida nos reserva?

Será tranquilidade?

Serão desafios?

Será felicidade?

Serão calafrios?

Quem sabe novas amizades...

Quem sabe novas paixões....

Quem sabe menos desigualdades...

Quem sabe revoluções....

O que o futuro nos reserva?

Será sucesso?

Serão falhas?

Será progresso?

Serão batalhas?

Quem sabe aventuras...

Quem sabe novos projetos...

Quem sabe desventuras...

Quem sabe novos trajetos...

O que o tempo nos reserva?

Será sabedoria?

Serão memórias?

Será alegria?

Serão histórias?

Quem sabe dignidade...

Quem sabe respeito...

Quem sabe vitalidade...

Quem sabe direito...

Para a minha vida, discernimento,

Boas pessoas e autenticidade,

Amor e acolhimento,

Equilíbrio e serenidade.

Para o meu futuro, otimismo,

Longevidade e renovação,

Esperança e inconformismo,

Felicidade e elevação.

Para o meu tempo, produtividade,

Bons trabalhos e bons momentos,

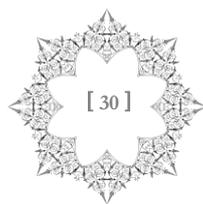
Boa conversa e boa amizade,

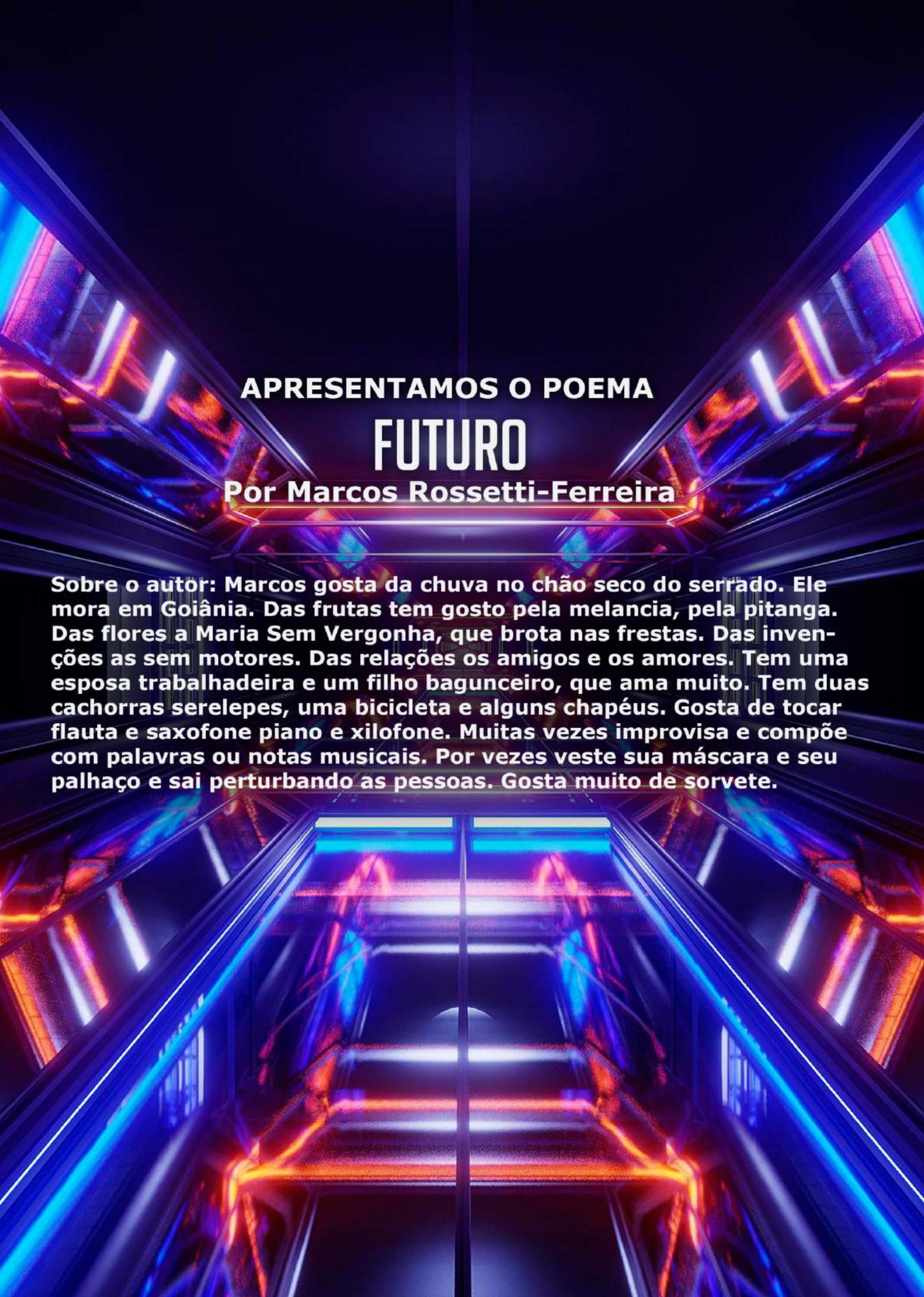
Lucidez e comprometimentos.

Vida é benção,

Futuro é incerto,

Tempo é precioso.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**FUTURO**

**Por Marcos Rossetti-Ferreira**

**Sobre o autor: Marcos gosta da chuva no chão seco do serrado. Ele mora em Goiânia. Das frutas tem gosto pela melancia, pela pitanga. Das flores a Maria Sem Vergonha, que brota nas frestas. Das invenções as sem motores. Das relações os amigos e os amores. Tem uma esposa trabalhadeira e um filho bagunceiro, que ama muito. Tem duas cachorras serelepes, uma bicicleta e alguns chapéus. Gosta de tocar flauta e saxofone piano e xilofone. Muitas vezes improvisa e compõe com palavras ou notas musicais. Por vezes veste sua máscara e seu palhaço e sai perturbando as pessoas. Gosta muito de sorvete.**

O tempo em parcelas  
O tempo em fatias  
O bolo que aniversaria

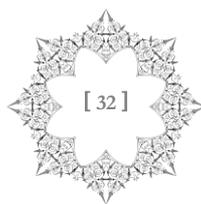
A vela queimada  
A cobertura seca  
Um dinossauro de açúcar  
Que anuncia a desfeita  
Daquilo que atrasa  
Quando à frente principia

Barbas e unhas longas  
Um assobio antigo  
A música minimalista  
Muitos elementos  
Compõem a festa  
Das lembranças  
Do que segue  
Do que avança  
Passo a passo

Tiro  
Queda

Olhando de lá  
Me vejo aqui  
Projetando

Olhando daqui  
Nada vejo  
E distancio

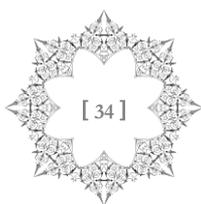


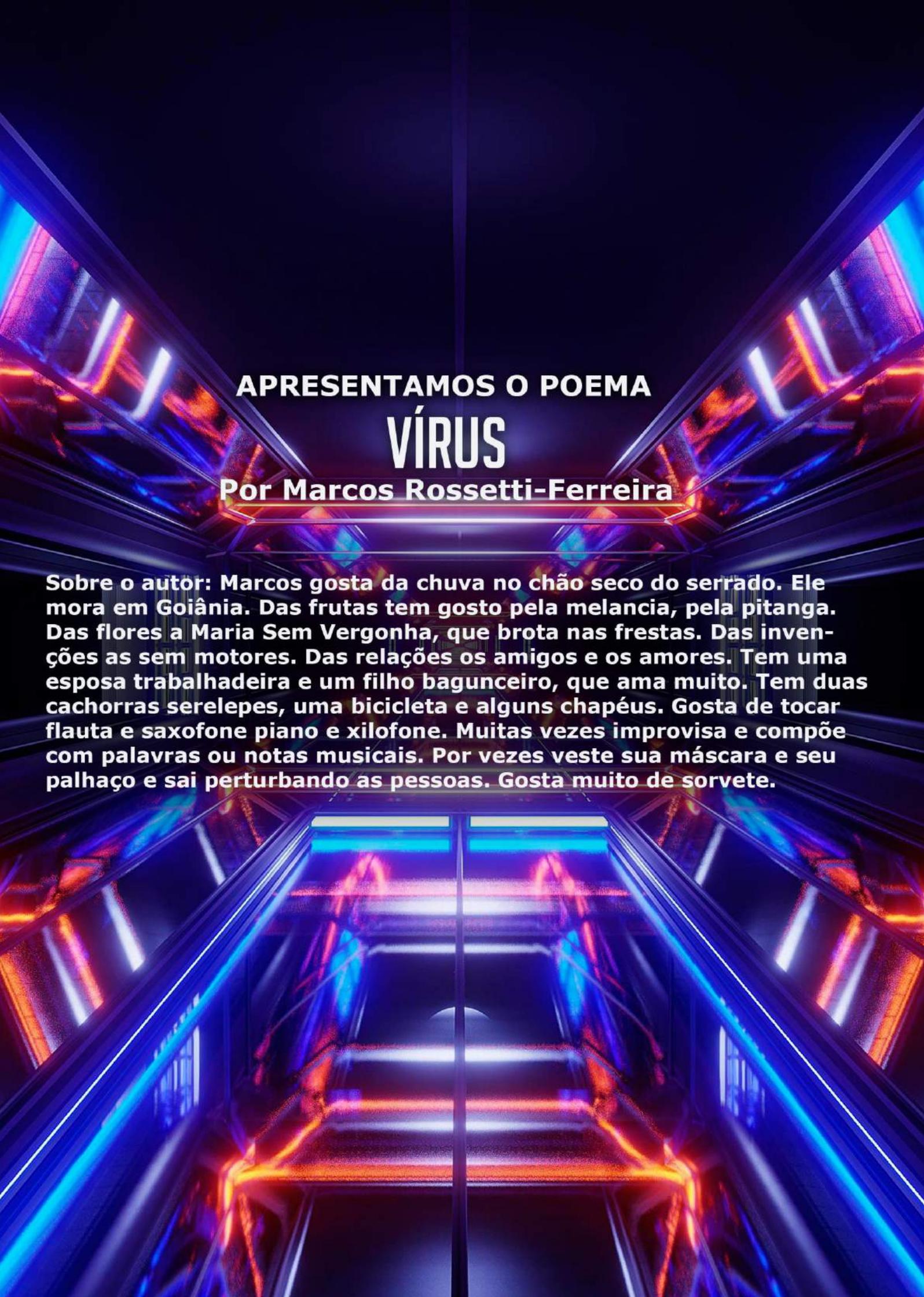


**APRESENTAMOS O POEMA**  
**PRESENTE**  
**Por Marcos Rossetti-Ferreira**

**Sobre o autor: Marcos gosta da chuva no chão seco do serrado. Ele mora em Goiânia. Das frutas tem gosto pela melancia, pela pitanga. Das flores a Maria Sem Vergonha, que brota nas frestas. Das invenções as sem motores. Das relações os amigos e os amores. Tem uma esposa trabalhadeira e um filho bagunceiro, que ama muito. Tem duas cachorras serelepes, uma bicicleta e alguns chapéus. Gosta de tocar flauta e saxofone piano e xilofone. Muitas vezes improvisa e compõe com palavras ou notas musicais. Por vezes veste sua máscara e seu palhaço e sai perturbando as pessoas. Gosta muito de sorvete.**

Tua ausência é tão própria  
Que silenciá-la é diferença.  
Teu equilíbrio é de um torpe  
Que incinera a rotina,  
Essa rotina colheita,  
De monotonia desfeita  
Que é raiz de um negócio  
Bom, por raiz viçosa,  
Séria, por severino encontro  
Com um futuro desejado.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**VÍRUS**  
**Por Marcos Rossetti-Ferreira**

**Sobre o autor: Marcos gosta da chuva no chão seco do serrado. Ele mora em Goiânia. Das frutas tem gosto pela melancia, pela pitanga. Das flores a Maria Sem Vergonha, que brota nas frestas. Das invenções as sem motores. Das relações os amigos e os amores. Tem uma esposa trabalhadeira e um filho bagunceiro, que ama muito. Tem duas cachorras serelepes, uma bicicleta e alguns chapéus. Gosta de tocar flauta e saxofone piano e xilofone. Muitas vezes improvisa e compõe com palavras ou notas musicais. Por vezes veste sua máscara e seu palhaço e sai perturbando as pessoas. Gosta muito de sorvete.**

O futuro é reduto do nosso descuido:

Desaba a cada nova carcaça,

Vasilha a vasilha,

A cada brinquedo inventado,

A cada centavo de lucro

Do nosso ser descartável.

O futuro é crime

Da mãe Terra aprisionada

Que ataca o vírus

Que a infectou mortalmente.

Mas nem assim aprendemos

Uma lição tão sensível.

Cada instante pulsa,

Cada pulso inflama

A parcela de culpa

Que expia na arte.

Sofisticada arte

De negar esse gesto

Que infesta o mundo,

Esse deus: Mercado

Que sonho abrirá

Um novo caminho?

Que desejo,

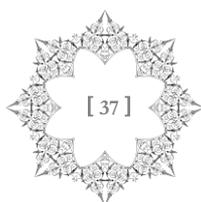
Que impulso

Fará a diferença?

Que carinho

Que simplicidade

Curvará o paradoxo?





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**MONSTROS NA BORDA DO UNIVERSO**  
**Por Roberto Schima**

**Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) face o conto Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de 135 antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse).  
rschima@bol.com.br.**

Hideki.

Era esse o seu nome. Significava "árvore soberba". Assim, dezenove anos atrás, seus pais tiveram a esperança de que não somente fincasse raízes profundas em suas tradições quanto um tronco forte para suportar as adversidades, mas — e principalmente — produzisse ótimos frutos.

Os japoneses reverenciavam os costumes, a memória dos ancestrais e as manifestações da natureza. As árvores, em particular, sempre mereceram o maior respeito. Evitavam ao máximo derrubar uma árvore, pois sabiam estar diante de um espírito mais sábio, antigo e superior, fonte de contemplação e bem-estar. Todavia, quando se tornava inevitável fazê-lo, uma cerimônia era realizada não somente para pedir perdão àquele ser vivo extraordinário, mas agradecer aos benefícios trazidos mediante seu sacrifício. Estúpida era a sociedade que não dignificava as suas árvores, as quais, em verdade, não lhes pertenciam, porém, delas faziam parte e eram dependentes.

*Árvore soberba.*

Era uma tremenda responsabilidade.

Como os pais puderam delegar tamanho fardo a um recém-nascido?

Veza ou outra Hideki se via perguntando a respeito para, imediatamente, pedir desculpa à memória deles, especialmente à mãe, ainda que suas cinzas estivessem a um segundo-luz dali. Verdade fosse dita, embora inteligente e designado para um estágio em Astronomia fora da Terra, teria ainda um longo caminho pela frente até adquirir o respeito de seus colegas de profissão e, admitia, de si próprio. Na melhor das hipóteses, sentia-se um bonsai carente de água, raiz curta e à sombra dos pinheiros.

Sobressaltou-se.

— Caramba!

O estagiário caiu para trás, resvalando no assento de uma cadeira giratória e esborrachando-se no piso do observatório feito uma fruta estragada. Teria doído, caso não estivesse na superfície lunar, onde a gravidade era de menos de dois décimos daquela na Terra.

— Eu vi... — balbuciou. — Eu vi...

Esfregou o rosto como se desejasse despertar de um sonho ruim.

Luzes cintilavam nos painéis. O maquinário zumbia. A tela brilhava.

Nada mais se movia no local, exceto a cadeira a rodopiar cada vez mais devagar.

Como fora parar naquela sala, Hideki bem o sabia e não fora de sua vontade.

Já o porquê do espanto era de sua inteira responsabilidade e, caso soubessem, seria punido.

A árvore soberba tornar-se-ia a erva daninha.

\*\*\*

— Entra aí, novato — dissera um dos astrônomos. — Se não tiver chorado feito bebê quando retornarmos, será considerado um cidadão das estrelas.

Assim disseram os cientistas que, em tese, deveriam ser pessoas sérias, cultas e equilibradas. Na verdade, eram apenas gente: brincavam, judiavam, embebedavam-se, fornicavam ou eram fornicados. Mudavam-se os rótulos, não obstante, o conteúdo não variava, exceto pelo cheiro.

Deveria ser apenas um trote, somente uma peça pregada nos novatos pelos mais experientes, coisa comum em toda parte, até no lado oculto da Lua. Todavia, nem todos teriam sido trancados na enorme e escura sala do astro-observatório, na presença do poderoso telescópio energético. Era um ambiente lúgubre. A Lua já era silenciosa por si e, quando muito, poder-se-ia sentir alguma vibração no solado dos pés, caso um meteorito particularmente grande caísse e fizesse o satélite natural vibrar feito um sino. O tato sim, mas nada de som. O interior vazio do observatório não seria muito diferente, não fosse pelo zunir constante das máquinas e dos aparelhos. Tampouco pela respiração e as batidas no coração de alguém que, feito Hideki, se visse de repente preso ali na escuridão, completamente longe de tudo, encerrado em um imenso túmulo a deriva no espaço. A solidão e a imaginação, mais o estresse ao se trabalhar em um ambiente tão isolado e hostil, poderia pregar peças e fazer ouvir passos ou vozes que não existiam. E todos tinham ciência do que um pequenino erro poderia causar sob tais condições. Sim, deveria ser só um trote para fazer apavorar o descendente de pescadores de Kagoshima, todavia, ao contrário da expectativa de seus algozes, Hideki não se sentira assustado. O malogro fora deles. Afinal, tudo o que Hideki almejava era estar ali, sozinho, junto ao telescópio energético. O medo viria depois. Curvou-se em reverência.

— Estou honrado, Sr. Telescópio.

Era a última palavra em telescopia espacial e seria colocado a funcionar na semana que vem, deixando seus concorrentes estrangeiros para trás. Os preparativos haviam consumido o tempo e a vida de dezenas de engenheiros e toda sorte de especialistas. A bem da verdade, o telescópio propriamente dito encontrava-se bem longe dali, para além das órbitas de Éris e Disnomia. O que o estagiário tinha diante de si era o receptor do sinal vindo algures nas entranhas glaciais do espaço. Ouvira menção a seu respeito quando ainda era criança, sussurrada em um canto na escola da qual nem se recordava direito e muito menos por quem, algum professor decerto. Um instrumento que poderia vasculhar todos os recantos do Universo, uma espécie de olho que tudo veria, capaz de perscrutar a própria mente do Criador.

Ele amava a noite, o espaço e as estrelas. Desde que perdera a mãe para a moléstia, a Lua fora a sua companheira e o seu guia. Naquele dia, prometera que faria de tudo para observar através daqueles olhos. Agora, ali estava.

Diante de seu sonho.

Sobre a Lua.

Sozinho.

Era o momento máximo de sua vida. Contudo, por mais feliz que estivesse, Hideki foi tomado pela melancolia.

Pois ele sabia.

Sua mãe ensinara.

Do passado, ela falou:

*A concretização de um sonho não é tão importante quanto o fato dele haver existido.*

A partir disso, o que mais haveria que valesse a pena?

\*\*\*

O jovem oriental não pretendia infringir as regras.

Fora criado dentro das disciplinas de respeito e de obediência.

Isso sempre caracterizara seu povo. Por vezes fora glória; por vezes, desgraça.

Estava marcado em seu gene. Todavia, os japoneses encontravam-se distantes demais dali — excluindo-se os nipônicos da turma de trabalho no astro-observatório. Seu país natal situava-se incrustado na esfera azulada pendurada no céu, cuja visão não era

permitida ao rapaz; não por causa das inúmeras regras, mas devido a perspectiva: a base inteira estava situada no fundo de uma cratera, no lado da Lua não visível da superfície da Terra e vice-versa. Deixaram-no trancafiado ali na sala pouco antes do início das comemorações. Todos festejavam. Todos bebiam saquê, *vodka*, *moutai*, pinga e tequila um pouco além da conta.

Hideki detestava saquê e qualquer outra bebida fermentada. Odiava multidões.

Como brincadeira por ser estagiário e punição ao demonstrar ser tão pouco sociável, passaria as horas convencionadas para a "noite" preso naquela sala. Sem bebida — exceto água do sanitário — e comida.

O que mais poderia fazer para passar o tempo?

— Com sua licença, Sr. Telescópio...

Presenciara os procedimentos teóricos no manuseio do telescópio energético vezes sem conta. Até fizera anotações. Lera e relera, acabando por decorar. Faltava-lhe a prática. Agora, tinha a oportunidade.

Assim, na escuridão surreal da sala do astro-observatório, luzes se acenderam, máquinas trabalharam, aparelhos sussurraram. A tela se iluminou. Coordenadas foram ajustadas. Comandos fizeram perguntas.

— Lá vamos nós — sussurrou.

Após horas angustiantes, as respostas chegaram da borda do sistema solar. A princípio, através da tela do receptor, Hideki deparou-se com galáxias próximas vistas com uma nitidez jamais presenciada. Distinguiu estrelas individualmente e detalhes nos braços nebulosos a milhões de anos-luz. Era inacreditável. Entretanto, o que considerou mais incrível foi aquilo que não viu, o que estava provocando e a conclusão a que chegou.

Havia um "monstro" no interior de cada galáxia.

Esse monstro devorava tudo ao seu redor.

Percebeu os jatos de pura energia.

Viu a agonia de estrelas.

Morte de mundos.

Fazia tempo os cientistas já tinham anunciado: no coração de cada galáxia abrigava-se um buraco negro supermassivo ao redor do qual centenas de bilhões de estrelas giravam. Entretanto, ninguém vira o grande devorador em ação, alimentando-se da luz, do tempo, do espaço e da massa de miríade de sóis em pleno estertor. Os jatos de energia sendo expelidos em sentidos opostos face às forças e velocidades envolvidas.

Tempo e espaço retorcidos, distorcidos, estilhaçados. Era uma bocarra escancarada de um negror impossível; uma garganta inconcebível, faminta e invisível, como uma fera de tocaia atrás da moita, como uma armadilha mimetizada nas trevas do espaço. Sempre faminto.

— Devora as estrelas às dezenas, centenas, milhares! — gritou.

A tudo isso ele testemunhou em primeira mão. O modo como os sóis esticavam-se feito fios incandescentes de espaguete em espirais infinitas. Suas massas tornando-se parte do monstro, aumentando-lhe o poder e a fome. Quase podia escutar os gritos de agonia. Pensou:

"Nas galáxias espirais como a Via-Láctea, as estrelas não giram simplesmente ao redor de seu centro feito os planetas de nosso sistema solar ao redor do Sol. O trajeto não é uma elipse, mas uma espiral."

— Espiral!

"Obviamente, rapaz!", responderiam todos, diante das centenas de imagens conhecidas de galáxias de todos os tipos, cores e formatos sob diferentes espectros. Então, por que não divulgaram o óbvio?

Espiral.

Semelhante àquela formada pelos furacões, tornados ou pela água a escoar através de um ralo.

Espiral...

Essa extrapolação, por mais simplória que fosse, aliada a constatação de que todas as galáxias possuíam um buraco negro colossal em seu interior levou Hideki a refletir sobre um único desfecho: tudo em uma galáxia estaria, na verdade, sendo tragado por esse vórtice até o medonho mergulho para o interior do buraco negro supermassivo no centro. E isso valia para a Via-Láctea em relação ao sistema solar.

Não importava quanto tempo levasse, o fim seria inevitável, fossem humanos, fossem quaisquer outras formas de vida existentes nos bilhões de bilhões de mundos nas galáxias do Universo.

Imaginou um cenário onde não mais existissem galáxias, estrelas, planetas, asteroides, cometas, gases ou poeira interestelar, somente bilhões de buracos negros supermassivos, procurando uns aos outros feito uma matilha de canibais. Devorar-se-iam uns aos outros, fundindo-se mais e mais, curvando e absorvendo progressivamente o

próprio espaço e o tempo até nada mais existir além de um único ponto geométrico sem dimensão, porém, de densidade infinita.

Essa revelação, embora não desconhecida dos sábios, atingiu-o tal qual um murro no estômago.

— Eu vi... o fim.

\*\*\*

Fim.

Palavra minúscula e, todavia, tão poderosa.

O fim, enquanto espécie, seria inevitável, como o era a vida individual de qualquer um.

Mas o fim do todo e de tudo?

Não haveria futuro algum.

Nenhuma esperança.

Absoluto nada.

E, sem futuro, qual seria o significado do passado e o porquê do presente?

Cápsula do tempo alguma sobreviveria para contar sua história.

Hideki chegara a sorrir ao lembrar um antiquíssimo filme. Woody Alley, sim, Woody Allen, esse era o nome do diretor-ator, onde a personagem, ainda criança, entrara em depressão ao saber que o Universo estava se expandindo... O que sentiria se soubesse que, pelo contrário, chegaria o dia do cosmo se encolher até transformar-se em nada?

Ainda que o ponto infinitesimal viesse a explodir, dando origem a outro Big Bang, o Universo outrora conhecido teria desaparecido para sempre.

A grandiosidade, a perspectiva e o horror de tudo aquilo deixou-o zozzo. Precisava ver algo mais ameno, longe da magnitude do apocalipse cósmico ora anunciado. Distante, sim, muito distante dali. Deu instruções ao telescópio energético para que reiniciasse sua busca e esmiuçasse o Universo até as profundezas mais profundas, para além de galáxias e estrelas.

O estagiário foi o primeiro ser humano a testemunhar as imagens mais longínquas do Universo.

Suas esperanças de serenidade entraram em espiral e escoaram ralo adentro.

— Minha nossa!

Diante de seu rosto, surgiram indícios indiretos de bolsões invisíveis de matéria e energia. Eram tão inacreditavelmente amplos e massivos que produziam estranhas aberrações cromáticas em todo o trajeto que os separava nos bilhões de anos-luz até o jovem aprendiz. Se existiam as ondas gravitacionais, ele presenciava a versão cósmica de tufões, tsunamis e maremotos.

O que seriam?

Por estarem tão distantes no espaço e, proporcionalmente, no tempo, deveriam margear a própria origem do Universo. Foi quando observou o inusitado acontecer. Uma espécie de fissura apareceu nos confins do espaço, no tecido que compunha o cosmo.

*Algo ultrapassou essa incisão, oriunda de fora do Universo!*

Mas o que poderia existir além do todo que era o Universo?

— Meu Deus!

Era estranho evocar o nome do Deus cristão, do Deus humano, confinado a um sistema solar que nada representava diante da dimensão do infinito. Contudo, era tudo o que lhe restava.

Hideki pensou em sua mãe, enviuvada cedo, cujos pensamentos eram tão menos ambiciosos, concentrada em trabalhar intermináveis horas a fim de obter o sustento, mas que, em sua simplicidade, armazenara uma grande sabedoria. Relembrou as horas e horas que ela passava a lavar roupas e lençóis. A água suja, o suor, a espuma. Ela fitara-o e, sorrindo, falara:

*Da água suja vem as bolhas. Não são lindas? Elas se juntam para formar a espuma. A espuma sonha em subir para o céu. Das coisas feias podem surgir maravilhas!*

O que estaria tentando lhe dizer? Talvez procurasse animar a própria vida diante das adversidades. Ela costumava cantarolar:

*Na tristeza de um mundo cinzento,  
não lamente a ausência das cores.  
O Sol nascerá, trazendo o alento,  
pois até do adubo nascem as flores.*

Como se levasse um peteleco dos veteranos, surgiu a resposta:

— A espuma!

Sim, a espuma, *na* espuma. Nela encontrava-se a solução. Quantas vezes na salas de aula não ouvira a velha comparação do Universo à superfície de uma bexiga a qual, sendo enchida, representaria a sua expansão, com as galáxias afastando-se umas das outras. O Universo não é uma bexiga, mas sim uma bolha de sabão. Contudo, não existe sozinha, mas ligada a infinitas outras bolhas, maiores ou menores, formando uma espuma que, em seu todo, compõe o multiverso. Cada bolha exerce influência umas sobre as outras, sendo que, dentro de cada universo as respostas não podem ser encontradas, pois elas estão além de sua membrana. O que durante décadas vem sendo chamado de energia escura ou matéria escura — nomes que nada significam além de rótulos para algo que se é desconhecido, como o "x" de qualquer equação não resolvida — é a influência exercida por outros universos sobre o Universo no qual a humanidade pertence e age de forma inflacionária. Era como se Hideki houvesse descoberto uma nova Matemática na qual a divisão por zero fosse admissível.

Eventualmente, em circunstâncias excepcionais, uma espécie de rachadura surgiria entre dois ou mais universos, ocorrendo uma migração de...

— Migração... do quê?

O estagiário viu algo brilhante atravessar a fissura. Sentiu que esse algo percebeu o seu olhar e fitou-o também. Agora, estava a caminho, ao seu encontro.

— Caramba!... Eu vi... Eu vi...

Apavorado, desligou tudo.

Vira demais da conta.

Observara demais.

Aquilo vinha.

Monstro.

A cabeça de Hideki rodopiava.

O fim.

A galáxia.

A matéria escura.

Monstros e monstros.

Monstros na borda do Universo.

\*\*\*

Na manhã seguinte — de acordo com a convenção vigente no observatório lunar —, o cientista chefe entrou na sala do astro-observatório e viu seu aprendiz deitado em um colchonete num canto entre as paredes. Pigarreou.

— Hideki!

O garoto abriu os olhos com dificuldade. Tivera um sono conturbado. Apoiou-se num dos cotovelos.

— Prof. Hiroshi...

— Não me diga nada. Armaram uma travessura contra você. Está bem?

Atrás do cientista, Hideki avistou rostos debochados: seus algozes.

— Tudo bem, professor.

— Então, apresse-se, precisamos realizar mais testes com os aparelhos antes da inauguração.

— O astro-observatório! — disse alguém às costas do cientista.

Prof. Hiroshi virou-se, carrancudo.

— Eu prefiro o termo "telescópio energético".

— Sim, senhor, professor. Desculpe-me.

E o cientista:

— Então, Hideki. Levante-se! Ânimo, rapaz! Vamos iniciar.

Hideki esboçou um sorriso. Seu estômago roncou de fome. Pensou:

"Iniciar"? Iniciar o quê? Eu vi tudo. Eu sei de tudo. Não é o início. É o fim... FIM!"

Começou a rir de modo histérico.

Entreolharam-se até que alguém murmurou:

— Acho que nossa brincadeira foi longe demais.

— "Longe"? — falou o estagiário. — "Longe"? Suspeito que nem o tempo e a distância serão obstáculos para o que está vindo.

— O que está vindo, Hideki? — indagou o cientista chefe.

De olhar desvairado, o jovem respondeu:

— O desconhecido na espuma.

Alguém fez um gesto indicando que o estagiário perdera um parafuso.

Do lado de fora, a aridez silenciosa da paisagem lunar exibia milhares de estrelas em um céu permanentemente escuro, tão enganadoramente imutável.

Em seu delírio, Hideki pestanejou. A árvore soberba assoberbara-se. Agora, desejava somente tornar-se um punhado de relva e curvar-se ante a autoridade do vento.

Em vez disso, tornou-se uma erva daninha. Ansiava por observar à Terra, retornar às ilhotas de Kagoshima. Seus superiores fizeram sua vontade, mas em vergonha. Que se danassem. Só queria pedir perdão à saudosa memória de sua mãe no santuário da família.

Era tudo o que importava.

Tudo diante do nada.

O mar de espuma.

E o amanhã.

Civilizações nasciam, desenvolviam-se, entravam em declínio e desapareciam. A história registrava vários exemplos. Sonhos de hegemonia eram aspirações que aparentavam enorme pretensão, vinda de mentes pequenas, incapazes não só de imaginar a humanidade em seu conjunto, mas a insignificância de suas ilusões perante o cenário cósmico que se desenrolava.

Breve, tal pequenez ser-lhes-ia confrontada.

\*\*\*

#### **NOTA DO AUTOR:**

A primeira versão deste conto pode ser encontrada no blog "Marcianos como no cinema", de Herman Schmitz.

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/2017/05/monstros-na-borda-do-universo-roberto.html>





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**A ÚLTIMA VIAGEM A GAYA**  
**Por Samuel Marcelino**

**Sobre o autor: Samuel Marcelino tem 31 anos, é brasileiro e reside em São João Del Rei-MG , cidade onde nasceu e cresceu. Além de autor literário, é artista visual formado pela Escola de Belas Artes da UFMG (2014) e desde 2009 atua como ilustrador freelancer. Apaixonado por criar imagens fantásticas e por literatura, se diverte tentando descobrir como transformar sua imaginação e sentimentos em palavras.**

Atlantis, uma cidade estrondosa. Segura, estática no espaço, uma habitação sem imprevistos, perfeita e eterna, onde tudo é possível. Foi construída pelo povo antigo há milhões de anos em uma era de expansão. Se tornou o berço de todos os Dominus Sapiens, que agora, em festa, saúdam a passagem de Gaya, seu planeta de origem. Aquele mero círculo azul cruzava o cosmos mais um vez, cumprindo seu previsível ciclo, prestes a se alinhar com Hélio diante de todos os Atlatianos. E esse era o melhor momento para fugir, pensava Helli.

Helli havia sentido Aquilo germinando dentro de sua mente, se ramificando e tomando todos seus pensamentos. Simplesmente consentia que Aquilo era a essência responsável por dar sentido a toda criação: a presença imperiosa, irrefutável e onisciente que tudo rege, havia plantado em seu cerne o conhecimento incontestável, que a levou a contemplar, sem razão ou objetivo, a plenitude de tudo que há, que houve e que haverá.

Dos seus ancestrais os Dominus Sapiens herdaram sua ânsia pelo infinito. Eram conquistadores e em sua maior glória sobrepujaram a morte, que sabiam existir somente em seu longínquo planeta, como uma lenda de um mundo antigo. Agora se afirmavam senhores de uma vida reticente. Aquele saber de Helli, entretanto, era a prova de que toda a perfeição perpétua criada por eles estava por um fio. E esse fio precisava ser rompido.

Helli não tinha dúvida de que seu conhecimento deveria ser omitido, mas essa não seria uma tarefa fácil. Mesmo únicos e cheios de singularidades, todos os Atlantianos partilhavam de uma grande e uma rede mental. Não haviam segredos e omissões entre eles, eram perfeitos em sua moralidade e perfeitos em compartilhar e comungar dos mesmo saberes. O alinhamento já se iniciava e Helli não tinha muito tempo até que todos se recompusessem e mergulhassem em seus pensamentos. Seu saber secreto deveria permanecer só seu e precisava fugir para longe dali. Só assim garantiria que o futuro fosse certo.

Gaya, que uma vez já fora a Terra, o planeta que originou e abrigou toda vida existente, agora fora reduzido a apenas mais um dos corpos celestes inabitáveis do sistema Heliocêntrico. E foi quebrando a lei oriunda dos primeiros desde a criação de Atlantis, que afirmava que em seu planeta originário habita a morte certa e que ali jamais deveriam retornar, que Helli decidiu que durante as celebrações de passagem roubaria uma das cápsula de emergência, usaria a energia de seu próprio biotraje para acioná-la e

rumaria para o misterioso planeta azul. Talvez o único lugar onde pudesse ter a chance de guardar seu segredo e encontrar respostas.

Seu Biotraje lhe acompanhava desde o nascimento e era uma peça vital para a sobrevivência em Atlântis. Abrir mão dele seria abrir mão de uma parte de si. Com ele não era preciso respirar, comer, nem beber ou se exercitar. O biotraje cuidava de tudo, até da mais simples necessidade: oxigenava o sangue, hidratava o corpo e mantinha forte os músculos, juntas e tendões. Cumpria toda função estética que a mente ansiava, se adaptando e criando padrões de vestimenta exuberantes. Também era através dele que se comunicavam, que liam as mentes um dos outros, era o ponto em comum que organizava e unia a sociedade em Atlantis. Além disso, se adaptava ao crescimento de seu portador e o acompanhava para sempre, afinal, impedia completamente a oxidação e morte de qualquer célula do corpo. Tudo isso só era permitido devido ao fato de todo traje ser mantido por um pequeno núcleo de fusão retroalimentável. Aquele indumentário amparo fisiológico, da mais alta tecnologia concebível, mantinha a cortina aberta para o protagonismo eterno de todos Dominus Sapiens.

Pela conspiração do destino, Helli havia sobrevivido à passagem pela atmosfera de Gaya e à queda em sua superfície, mas sua nave se tornara completamente inoperante. Sem um núcleo de fusão estável e com o estabilizador quebrado, não conseguia manter sua estrutura esférica e começava a se tornar uma grande poça de mercúrio dourado. Substituir o núcleo de navegação da nave por um simples núcleo de fusão de biotraje havia se mostrado como uma ideia pouco segura, para não dizer suicida. Felizmente foi o suficiente para efetuar a sua fuga até a Terra. Se via diante de um caminho sem volta, mas afinal, voltar para Atlantis nunca foi uma opção para Helli.

Naquela tarde, pela primeira vez em sua vida, Helli se encontrava despida da casca que ampara sua existência. Seu biotraje desfeito em uma carcaça viscosa, de nada mais lhe servia. Percebeu que ainda se mantinha ileso sem ele, algo impossível em Atlantis. Olhava para si como nunca havia feito antes, sua mente não controlava mais sua aparência. Presenciou sua carne, suas cores, seus reflexos e desconfortos. Na ausência de todo aquele preenchimento tecnológico haviam novos desejos, naturais e primários. Descobriu que nunca havia se sentido por completo, descobriu que sua existência até ali, havia sido apenas uma fração de tudo que havia em si. E foi na dor que encontrou a maior vontade de se descobrir. Pela primeira vez Helli se sentia parte de tudo.

Pôs-se a caminhar, vestida da única coisa que ainda permanecia desde que veio ao mundo, sua presença. Não era capaz de nomear nada do que via ou ouvia, e não ousou dar nome a nada daquilo. Não sabia que os Sapiens antigos chamavam aquele abraço suave e invisível de brisa e nem que a melodia gentil carregada por ele vinha de um ser alado e com um centésimo de seu tamanho, mas infinitamente mais exuberante. Suas pequenas narinas foram inundadas por uma fragrância que enchia sua mente de memórias não vividas e desejos nunca ansiados. Correu por léguas e seus olhos não desejavam se fechar nem por um instante. Sentiu seu corpo ser abraçado de súbito novamente, dessa vez gelado e húmido, rodopiou e se levantou. Fechava os olhos para sentir as ondulações que a levavam para lá e para cá, o ar entrava a plenos pulmões...Sentindo se expandir, na ardência do que é estar realmente vivo, emergiram do seu mais profundo existir, uma enxurrada de sentimentos.

Então aquilo era Gaya, pensava. A terra originária, abandonada por ser abundante e indomável, a que tudo pariu e para onde tudo que vive deveria retornar. Ali sentiu o tempo passar, viu a paisagem mudar, presenciou e admirou a vida em sua várias formas, experimentou todas as alterações do tempo em seu corpo e não cansou de se desnudar. Já não seria mais possível um biotraje encobrir o que realmente necessitava.

Por fim, na beleza do imprevisto, contemplou seu segredo se perpetuar com Hélio se abrindo em sete partes, tragando tudo o que existia em uma exuberante performance cósmica. Amava a beleza da vida despida com seu ponto final.





**APRESENTAMOS O POEMA**

# **DISTOPIA**

**Por Walysson Gomes**

**Sobre o autor: Licenciado em química (UECE), Mestre em Química Inorgânica (UFC) e doutorando em Química (UFC). É professor efetivo do IFCE onde atua desenvolvendo atividades de ensino e pesquisa. Encontrou na poesia a fuga do mundo metódico e racional em que está inserido. Tem poemas escritos em algumas antologias nacionais, a saber o prêmio "Poetize 2022" (Editora Vivara) e a participação na antologia "Poemas ao Pôr do Sol" (Revista Conexão Literatura).**

Naquele dia,  
Tão cinza quanto qualquer outro,  
O cobrador do ônibus não tinha troco para o carteiro.  
O carteiro não entregou a carta de amor redigida pelo datilógrafo.  
O datilógrafo emudeceu e, desde então, foi eterno silêncio.  
E tudo foi passado...  
E nada ficou...  
Apenas a saudade.

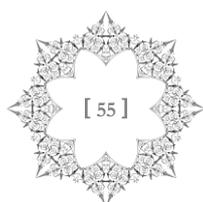
No teu tempo,  
Pequeno Enzo,  
Os cirurgiões não mais implantarão cateteres.  
Os advogados não mais acusarão ou defenderão réu qualquer.  
Os professores não mais explicarão conteúdo algum para turma indisciplinada.  
E tudo será futuro!  
E nada ficará!  
Somente a saudade.

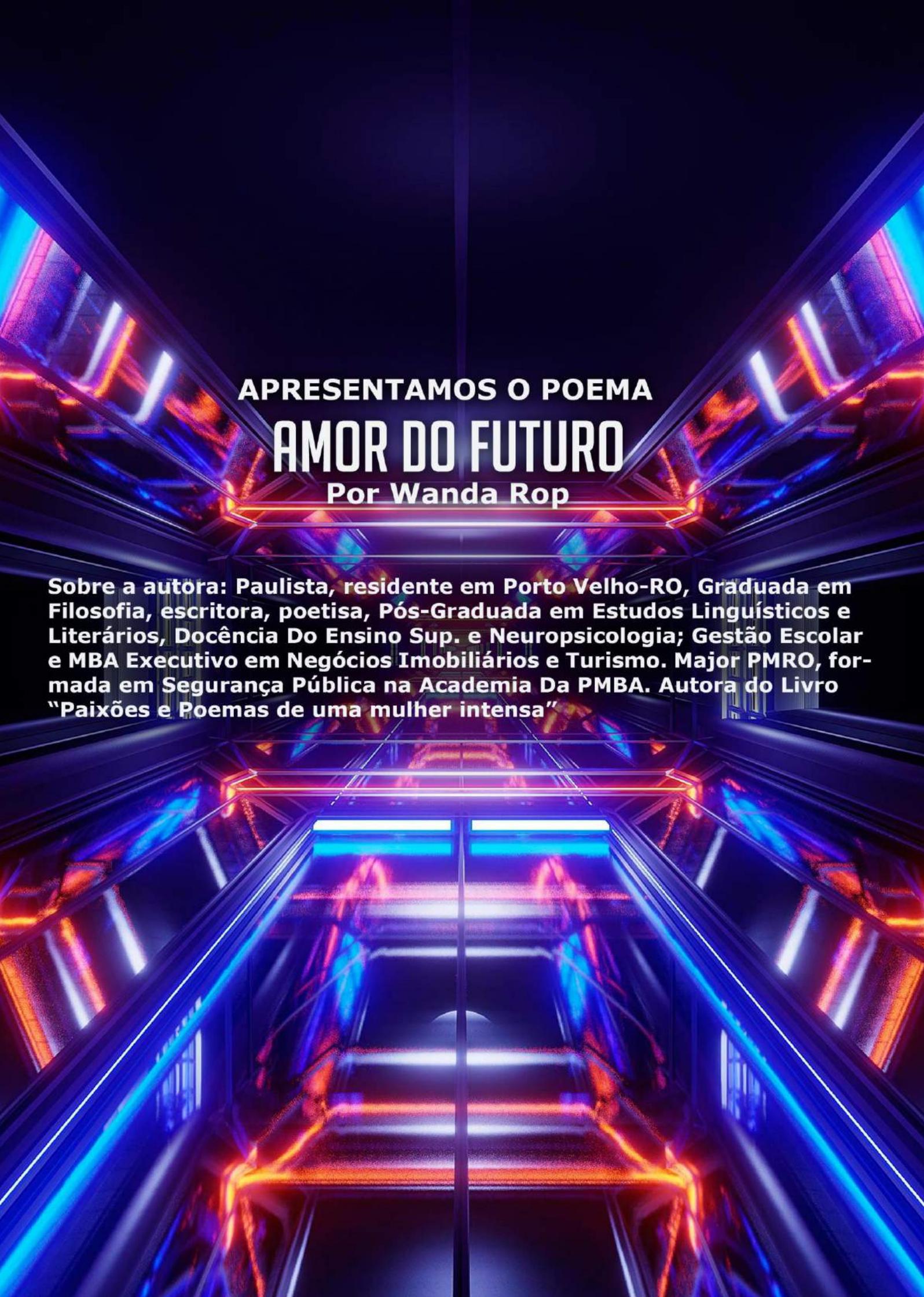
Mais adiante  
E os átomos de carbono se desencadearão,  
Outorgando ao silício os gérmenes da vida orgânica.  
Um beijo... Um algoritmo.  
Um pensamento... Outro algoritmo.

E tudo passará...

E nada ficará...

Nem mesmo a saudade.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**AMOR DO FUTURO**  
Por Wanda Rop

**Sobre a autora: Paulista, residente em Porto Velho-RO, Graduada em Filosofia, escritora, poetisa, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa"**

Se é inevitável o amanhecer  
O futuro trará o seu regresso  
O mundo está em confusão  
Estar em seus braços é o que quero

Novos tempos nos envolvem  
Luzes estranhas cintilam no céu  
Rompa as barreiras e avance  
Viver sem sua presença é cruel

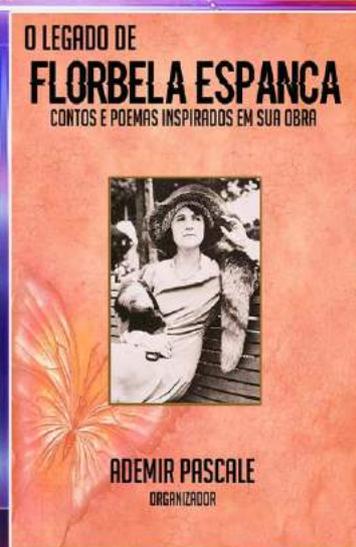
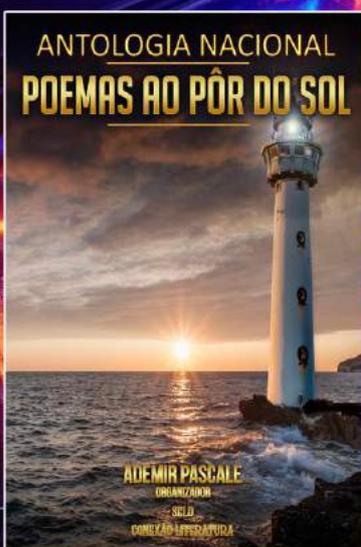
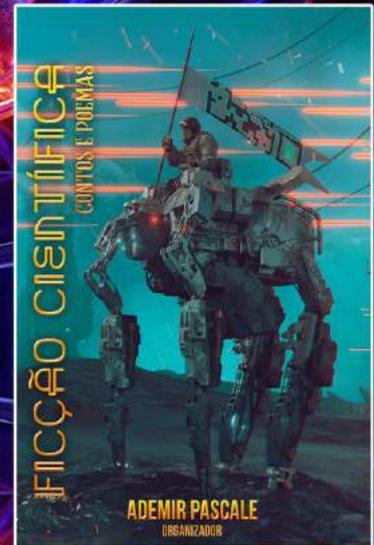
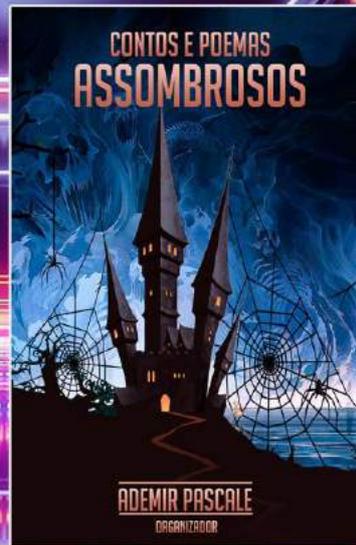
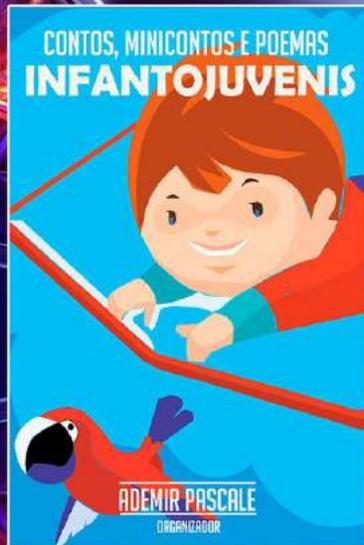
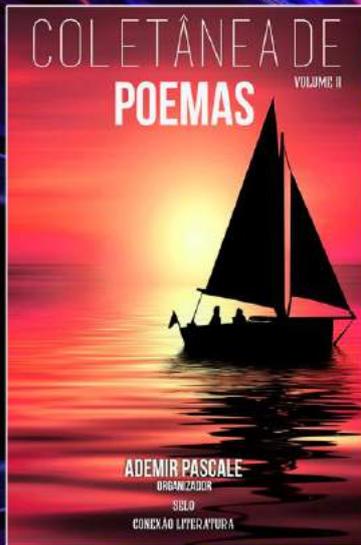
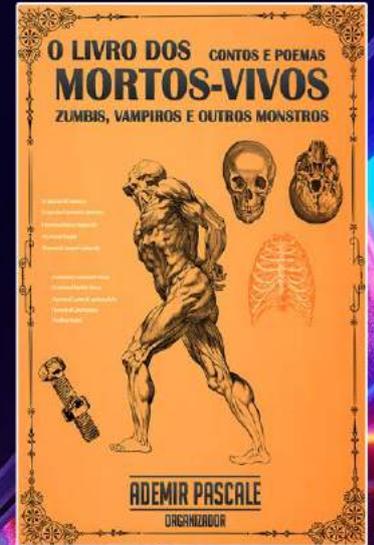
O arco-íris existe no infinito  
Acredite nos seus sentimentos  
Ouça a verdade de suas intuições  
Recorde do amor, antigos momentos

Minha paixão, meu príncipe ausente  
Você sabe a grande verdade  
Em sua jornada para além do presente  
Traga-me carinho e felicidade

Sua bela imagem rompe no horizonte  
O amor clareia nossas emoções  
Reencontro com beijo indescritível  
Simboliza o amor em nossos corações



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**